

Caso Dona Margarida¹

01

Uma das primeiras pacientes que a Dr^a. Marcela atendeu em domicílio, logo em sua primeira semana de trabalho, foi Dona Margarida, de 75 anos. Viúva de Seu Quinzinho, que morreu de derrame aos 85 anos, continuava apaixonada pelo marido. Como dizia sua filha, Jandira, ‘a mamãe vive no passado’. Margarida teve três filhos com o finado Quinzinho e morava, agora, na companhia de sua filha mais nova, Jandira, de 54 anos, e de sua neta Inês, de 32. Jandira é divorciada de João e trabalha como diarista; Inês é manicure em um ‘salão chique’ e, como diz Jandira, ‘vive para o trabalho’.

Em seu primeiro atendimento domiciliar, a Dr^a. Marcela foi chamada às pressas para ver Margarida, que apresentava quadro de disúria, algúria e dor suprapúbica com sete dias de evolução, sem febre. A princípio, achou estranho ter de fazer atendimentos domiciliares de ‘urgência’, pois não havia essa prática na equipe em que trabalhava antes de ir para a I da COOASF. Iniciou o tratamento empírico com Sulfametoxazol+Trimetoprim 800/160 BID, por sete dias, e resolveu levar o caso para a reunião de equipe, de forma a facilitar a discussão que queria fazer sobre a organização da atenção domiciliar na equipe.

Na reunião, Dr^a. Marcela pôde perceber que a atenção domiciliar em casos agudos era uma prática comum na COOASF, além de perceber que a equipe não dispunha de instrumentos que organizassem a atenção domiciliar em casos crônicos (os atendimentos eram marcados “só quando a família entrava em contato com a equipe”). O caso em estudo foi decisivo para que, durante a discussão, a equipe fizesse, sob a supervisão de Marcela e da enfermeira Viviane, um plano terapêutico para Margarida. O Agente Comunitário de Saúde Róbson seria responsável por agendar os atendimentos conforme a demanda e periodicidade decididas; Viviane faria um atendimento inicial de Avaliação Global do Idoso. Na semana seguinte, Viviane trouxe as suas impressões:

Enf^a. Viviane: — Pessoal, após o meu atendimento, encontrei os seguintes problemas: baixa acuidade visual, incontinência urinária, teste de minimental alterado: 20 pontos, avaliação funcional de grau B para atividades básicas de vida diária e Escala de Lawton para atividades instrumentais de 14/27. Sugiro que nós façamos um acompanhamento da Jandira, ensinando a ela algumas técnicas para lidar com a dependência parcial da mãe. Gostaria, também, que a Dr^a. Marcela fosse à casa dela para um novo atendimento, a fim de avaliar melhor a possível demência e a incontinência.

A seguir, houve uma calorosa discussão sobre o papel do cuidador no caso, tendo o Róbson trazido a sua impressão de que Jandira estava ‘muito cansada’ e que ‘precisava de um psicólogo’. Marcela e Viviane pareciam preocupadas com a visão dos ACSs de que os pacientes com algum tipo de sofrimento psíquico tivessem, obrigatoriamente, de passar por um psicólogo. Por fim, a equipe decidiu que, antes de ‘encaminhar a cuidadora’ ao serviço de saúde mental, convidariam Jandira para um atendimento individual.

Sendo assim, Marcela iniciou o acompanhamento rotineiro de Margarida. Na sua segunda visita, no fim da tarde, encontrou a filha Jandira e a neta Inês em casa.

¹ O Caso Dona Margarida, baseado nos casos complexos da Sociedade Brasileira de Medicina de Família e Comunidade, de autoria de Rodrigo Pastor, foi adaptado para o curso de Especialização em Saúde da Família da UFCSA pelos professores Aline Correa de Souza, Fernando Neves Hugo, Gisele Nader, Luciana Pinheiro e Marcelo Gonçalves.

Dr^a. Marcela: — Boas tardes!

As três responderam juntas: — “Boas”.

Dr^a. Marcela: — E aí, pessoal, tudo bem?

Jandira: — Tudo.

Dr^a. Marcela: — E a senhora, Dona Margarida, tudo bem?

Dona Margarida: — Assim, minha filha. Essa casquinha...

Dr^a. Marcela: — A senhora está lembrada de mim? Vim aqui há uns vinte dias...

(Silêncio) Jandira toma, então, a palavra:

Jandira: — Ó, doutora, de memória a mamãe não lembra muito bem não, 'né', mãe?

(Silêncio) Marcela se sente um pouco incomodada e ansiosa com esses silêncios profundos. Decide, então, explorar melhor os sintomas da paciente.

Dr^a. Marcela: — Mas, Dona Margarida, há quanto tempo a senhora tem esses “problemas de memória”?

Dona Margarida: — Olha, minha filha, eu não sei não. Quem sabe dessas coisas é a minha filha, que me acompanha e ajuda aqui em casa.

Dr^a. Marcela: — Hummmm...

Jandira, novamente, intervém.

Jandira: — Doutora, acho que faz uns cinco anos que a mamãe começou a caducar. No começo, ela esquecia coisas assim, que tinha feito há pouco tempo, do tipo onde pôs as chaves, se deu ou não comida pros cachorros. Com o tempo foi piorando, esquecendo o nome dos netos e filhos, das coisas...

Dr^a. Marcela: — E hoje?

Jandira: — Ah, hoje 'tá' a mesma coisa. Agora, uma coisa é impressionante, ela lembra de coisas da sua infância e adolescência com uma nitidez, 'né', mamãe? Fala pra gente como é que foi o seu noivado.

Dona Margarida: — Minha filha, uma coisa linda...

A seguir, Dona Margarida contou uma longa história de amor e aventuras vividas por ela e seu finado marido. Ao final do relato, Dr^a. Marcela se sentiu emocionada com a oportunidade de conhecer tão grande história de amor.

Dr^a. Marcela: — Muito bem, Dona Margarida, que história, hein? A senhora é sortuda... Teve um bom marido, carinhoso com a senhora e suas filhas. E os netos e netas?

Dona Margarida: — Ah, minha filha, são muitos...

Dr^a. Marcela: — E essa neta que mora aqui com a senhora? Como é o nome dela, mesmo?

Dona Margarida: — Ah... a Jandira.

Dr^a. Marcela: — Mas a Jandira é sua neta?

Dona Margarida: — Não, não... a Marlene?

Dr^a. Marcela: — A senhora lembra o nome dela?

Dona Margarida: — Não é Marlene?

Dr^a. Marcela: — Não, essa daqui é a Inês, não é mesmo?

Dona Margarida: — É, Inês.

Jandira aproveita para expor um pouco de sua expectativa sobre o tratamento.

Jandira: — Tá vendo, doutora. Não tem um remédio para a memória da mamãe, não?

Dr^a. Marcela: — Existem alguns, Jandira. Mas é necessário que eu conheça mais algumas coisas sobre o problema, antes de pensar no tratamento. Você me disse que a evolução da perda de memória foi lenta, não é?

Jandira: — Sim, foi devagar.

Dr^a. Marcela: — Teve algum momento que foi mais rápido ou que houve uma mudança rápida para pior?

Jandira: — Não que eu lembre.

Dr^a. Marcela: — E como é o comportamento dela dentro de casa?

Jandira: — Bom, ela não é muito de sair não. Se deixarmos, fica só dentro de casa. Temos de dizer: 'Vamos, mãe, dar uma volta, ficar dentro de casa faz mal'.

Dr^a. Marcela: — E em casa?

Jandira: — Fica escutando um radinho, ela gosta muito de música. Bolero, então...

A anamnese continua. Dona Margarida não apresenta sintomas cardiovasculares nem pulmonares, tem incontinência urinária de longa evolução (geralmente ligada a esforços e tosse). Não está em uso de medicações contínuas. Dr^a. Marcela decide, então, examiná-la.

Dr^a. Marcela: — Vamos dar uma olhadinha na senhora?

Dona Margarida encontra-se corada, hidratada, sem edemas. P.A. 130X80, FC: 88 bpm. Sem sinais neurológicos focais. Bulhas normorrítmicas e normofonéticas em dois tempos. Murmúrio vesicular fisiológico, com ruídos descontínuos inspiratórios em bases pulmonares (crepitações). Desconforto à palpação suprapúbica.

Antes de passar as suas impressões à família, a doutora fez uma rápida revisão do prontuário orientado ao problema (POP) de Margarida. Sua lista de problemas anteriores era: demência, varizes e osteoartrose (problemas crônicos); pneumonia (problema agudo). Os últimos exames realizados foram mamografia (há cinco anos) e um exame de colesterol, glicemia e triglicérides (há um ano).

Jandira espera o final do atendimento para comunicar que sua mãe tem reclamado constantemente de dores de dente. A Dr^a. Marcela sugere ao Agente Comunitário Róbson que converse com Jerônimo para que esse fique informado sobre o caso. Finda a consulta, Dr^a. Marcela voltou

à COOASF com Róbson conversando sobre os procedimentos seguintes no atendimento à Dona Margarida.

Ao retornar à unidade, Róbson foi diretamente conversar com Jerônimo.

ACS Róbson: — Oi, doutor Jerônimo! Lembra da dona Margarida?

C.D. Jerônimo: — Claro! Faz muito tempo que não a vejo!

ACS Róbson: — Então, Dr., acabo de voltar da casa dela. Eu fui junto com a doutora Marcela. Ela está com problemas de memória e umas outras coisinhas...

C.D. Jerônimo: — Sim, coitada da Dona Margarida! A vida tem sido muito difícil para ela desde que perdeu o marido.

ACS Róbson: — É verdade! Ela realmente não está muito bem não... doutora! A Jandira, filha dela, nos disse que a Dona Margarida está reclamando de dor de dente.

C.D. Jerônimo: — Puxa, precisamos ver isso!

ACS Róbson: — Então, ela não sai muito de casa. Acho que era melhor o senhor ir comigo lá!!! O que o senhor acha?

C.D. Jerônimo: — Certo! Agenda uma visita nossa com ela!

ACS Róbson: — Pode deixar, doutor!

C.D. Jerônimo: — Por falar nisso, na próxima reunião de grupo irei solicitar aos agentes um levantamento atualizado de indivíduos que necessitam visita domiciliar da Odontologia.

Aproximadamente uma semana depois, Jerônimo, Gabriela e Róbson vão visitar Dona Margarida.

C.D. Jerônimo: — Olá, Jandira! Tudo bem?

Jandira: — Tudo bem, graças a Deus!

C.D. Jerônimo: — Olá, Dona Margarida!

Dona Margarida: — Olá, meu filho! Vieram me ver!

Jandira parece ansiosa com a visita e começa descrevendo tudo que sua mãe vem passando nos últimos tempos. Depois faz um relato das reclamações de origem odontológicas.

Jandira: — Minha mãe vem reclamando muito de dores nos dentes. Mas também, ela tem meia dúzia de dentes e 'tá' tudo caindo... e tem uns 'cacos'!

C.D. Jerônimo: — Hum, entendo! Mas deixa eu conversar um pouquinho com a sua mãe!

C.D. Jerônimo: — Dona Margarida, meu nome é Jerônimo e eu sou dentista da unidade de saúde aqui da COOASF. A senhora lembra de mim?

Dona Margarida fica em silêncio. Ela se esforça para tentar lembrar do dentista, mas em vão. Jandira tenta interromper, mas Jerônimo pede que ela aguarde.

C.D. Jerônimo: — A senhora já consultou comigo. Mas já faz tempo. Talvez seja por isso que a senhora não lembra!

Dona Margarida: — Pois é doutor! Tem dias que a cabeça não anda nada boa!

C.D. Jerônimo: — É verdade! Até eu, que sou jovem, tem dias que fico esquecido! Mas, Dona Margarida, eu vim saber como está a saúde de sua boca.

Dona Margarida: — Ah! Doutor, 'tá' boa! Às vezes dói... Quando dói é ruim!

C.D. Jerônimo: — Posso dar uma olhadinha?

Dona Margarida: — Pode, doutor!

Durante o exame clínico, Jerônimo percebeu que na arcada superior Dona Margarida possuía os elementos 27 (com presença de recessão gengival e lesão de cárie ativa na superfície radicular), os elementos 26, 25, 24, 23 e 22 eram ausentes e foram substituídos por uma PPR que aparentava ser bastante antiga e desajustada. O elemento 13 estava hígido, mas apresentava importante recessão gengival. Os elementos 14 e 15 apresentavam recessão gengival e lesão de cárie ativa, sendo que no elemento 15 a lesão se apresentava bastante extensa. Os elementos 16 e 17 estavam ausentes e sem nenhum tipo de reposição. Na arcada inferior, os elementos 37 a 35 também ausentes e substituídos por uma PPR. O elemento 34 estava hígido, mas apresentava recessão gengival. Os elementos antero-inferiores (33 a 43) estavam presentes. Eles apresentavam-se hígidos, porém com importante perda óssea e grande mobilidade. O elemento 44 estava presente e sadio. Os elementos 45, 46 estavam ausentes e o elemento 47 apresentava apenas um remanescente radicular com extensa lesão de cárie.

C.D. Jerônimo: — A senhora tem um monte de 'coisinhas' para fazer. Acho que poderemos fazer aqui na sua casa a maioria delas.

Jandira: — Puxa, a mãe não gosta muito de sair de casa! Mas ela sabe que é bom pra ela passear.

C.D. Jerônimo: — Sim, eu sei. Por isso, nós vamos fazer assim: algumas coisas eu posso ir fazendo aqui na sua casa, outras só poderei fazer com o raio-X. Então, quando ela estiver mais disposta, vou deixar a requisição para ela ir até a UBS Hans Günther e fazer os raio-X. Você leva ela, ok?

Jandira: — Até vai ser bom pra ela passear mais longe!

C.D. Jerônimo: — Dona Margarida, quem sabe, semana que vem, a senhora vai passear um pouco, e já bate um raio-X da boca?

Dona Margarida: — Por mim, pode ser.

C.D. Jerônimo: — Então, a Jandira leva a senhora.

Dona Margarida: — 'Tá' bom!

C.D. Jerônimo: — Aqui está a requisição para o raio-X. Jandira... tu levas ela na unidade central Hans Günther para fazer esses exames e depois avisa o Róbson, que voltamos aqui para continuar o tratamento, ok?

Jandira: — Pode deixar, doutor!

Ao sair, Jerônimo insiste com Jandira sobre a importância do tratamento. E que, provavelmente,

sua mãe esqueça o que foi conversado hoje. Jandira confirma que a levará para realizar o raio-X mesmo assim.

No dia da consulta, Jerônimo inicia, rapidamente, o atendimento clínico. Ele analisa os exames radiográficos. O raio-x interproximal dos elementos 14 e 15 revelou lesão envolvendo esmalte e dentina. Quanto ao elemento 15, o exame demonstrou envolvimento pulpar. Jerônimo iniciou a adequação do meio (remoção de cálculos supragengivais e do remanescente radicular). Dona Margarida se mostrou muito à vontade durante o procedimento.

C.D. Jerônimo: — Tudo bem, Dona Margarida?

Dona Margarida: — Tudo bem. Não senti nada, nada.

C.D. Jerônimo: — Ótimo!!! Jandira, semana que vem quero remover os pontos da Dona Margarida e continuar o tratamento. Temos mais dois dentes para restaurar e um que iremos encaminhar para tratar o canal.

Jandira: — E quem faz o tratamento do canal?

C.D. Jerônimo: — É no CEO. É um centro de especialidades da Odonto.

Jandira: — Hum... mas é de graça?

C.D. Jerônimo: — Sim, Jandira, é de graça. Não se preocupe. Outra coisa. Você vai ter que ajudar a sua mãe com a higiene bucal. Ela tem dificuldades, você sabe, e, além disso, ela toma diversas medicações que podem contribuir com a diminuição de salivação e facilitar o surgimento de cáries.

Jandira: — 'Tá' bom, doutor!

C.D. Jerônimo: — Esses dentes que estão frouxos são um problema. Vou tentar fazer um splintagem, para tentar mantê-los.

Jandira: — Mas o que é isso, doutor?

C.D. Jerônimo: — Vou passar um “ferrinho” por trás do dentes para ajudar a fixá-los. E, depois de tudo isso, iremos ver o que podemos fazer com essa prótese que ela está usando.

Jandira: — Tá bom, doutor! Parece bom.

Dona Margarida e Jandira acenaram positivamente com a cabeça e se despediram do C.D. Jerônimo e de Gabriela, a Auxiliar de Saúde Bucal.